



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
ESCOLA**

***ANA CAROLINA DE OLIVEIRA VIEIRA***

***Brasília, 2012.***



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
ESCOLA**

**ANA CAROLINA DE OLIVEIRA VIEIRA**

***Brasília, 2012.***

**ANA CAROLINA DE OLIVEIRA VIEIRA**

## **REFLEXÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles Carvalho.

### **Comissão Examinadora:**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)**  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

---

**Prof. Dr. José Luiz Villar Mella (examinador)**  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

---

**Prof.Dr. José Zuchiwschi (examinador)**  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

**Brasília, 2012.**

**ANA CAROLINA DE OLIVEIRA VIEIRA**

**REFLEXÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
ESCOLA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles Carvalho.

***Comissão Examinadora:***

---

***Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)***  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

---

***Prof. Dr. José Luiz Villar Mello (examinador)***  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

---

***Prof.Dr. José Zuchiwschi (examinador)***  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

***Brasília, 2012.***

## **HOMENAGEM**

À minha família que sempre esteve ao meu lado me apoiando e orientando nas decisões tomadas ajudando-me a tornar-me uma pessoa melhor e mais solidária.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente. Pois tem me dado provas mais que suficientes de que a cada dia está ao meu lado me guiando e orientando. À minha mãe, Ovídia, sempre tão presente, companheira e, acima de tudo, conselheira. Obrigada por sua força tão grande. Ao meu pai, Francisco, pelo apoio em todos os momentos e por tanta dedicação. Ao meu padrasto Manoel, pela imensa assistência dada à minha família em momentos de dificuldades, pelo amor e carinho. Às minhas três irmãs: Kelly, Daniela e Patrícia pelas palavras de motivação. Aos meus sobrinhos que, muitas vezes, serviram de inspiração para que eu escrevesse minha monografia. A uma pessoa muito especial, meu noivo Ozéias, pela imensa paciência em momentos de tanta tensão. Pelas demonstrações de amor e amizade e pelos conselhos sempre bem vindos.

À professora Sônia Marise por sua tão valiosa orientação e por ser sempre tão presente me auxiliando na construção deste Trabalho Final de Curso.

A todos os amigos e familiares que sempre se dedicaram a mim e mostraram tanto cuidado. Enfim, a todas as pessoas que, mesmo indiretamente, contribuíram de alguma forma para que a realização desse trabalho se tornasse possível.

A conclusão da graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília é a realização de um sonho e a prova de que os sonhos são possíveis de se realizar. Porém, sozinha e sem o apoio de todas essas pessoas eu não conseguiria. O caminho foi penoso e difícil por muitas vezes, mas a certeza do dever cumprido e do sonho realizado se mostram agora como as maiores motivações de todas para obtenção do tão sonhado diploma em uma das melhores universidades do país.

A todos, o meu muito obrigada!

**VIEIRA, Ana C. O. Reflexão sobre a participação da família na escola, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2012.**

**VIEIRA, Ana C. O. Reflexão sobre a participação da família na escola, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2012.**

## **RESUMO**

A relação família-escola é um tema que vem instigando cada vez mais as pesquisas na educação. O objetivo deste trabalho consistiu em observar a participação da família na escola, por meio de uma observação ativa dentro de uma escola na área de educação infantil, além de propor ações que possibilitem, se necessário, mudanças dentro deste contexto. Para tanto, fez-se necessário o estudo aprofundado de teóricos que contribuíram com seus trabalhos publicados nesta área. A técnica utilizada foi a coleta de dados com entrevistas a 13 pais, 4 professores da educação infantil e 1 coordenadora, em uma turma específica de Jardim 2 (equivalente a 4 e 5 anos de idade) esta com 14 alunos. A observação também fez parte da coleta de dados e permeou todo o trabalho, além da minha experiência em estágios. Os resultados indicam que, ainda há muito trabalho a ser realizado no sentido de proporcionar uma participação da família na escola que produza resultados, no entanto há uma tendência que indica mudanças positivas tanto por parte de professores, como da família também.

**Palavras-chave:** Família; Escola; Participação.

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho faz parte da formação do pedagogo no curso de pedagogia e tem o objetivo de apresentar estudos e reflexões sobre o tema Participação da família na escola.

A participação da família na escola é um tema que vem ganhando espaço nos cenários acadêmicos e por isso, está sendo objeto de pesquisa desta monografia. O resgate feito por tantos teóricos a respeito deste tema é o embasamento do mesmo. O trabalho foi dividido da seguinte forma:

A primeira parte é a apresentação do memorial. O memorial é a descrição da trajetória acadêmica de um estudante. É por meio dele que se faz um resgate de todos os caminhos percorridos e fatos que influenciaram de alguma forma para a escolha do tema em questão. Neste memorial, o leitor conhece um pouco da minha história e como cheguei até aqui.

A segunda parte do trabalho é o corpo da monografia. Início com a introdução, situando o leitor a respeito do tema que tratarei.

O capítulo 1 é o marco teórico. Fiz um resgate da história da família, escola e as formas de participação em diferentes contextos. Como aporte teórico neste capítulo, utilizei os conceitos e contribuições de vários autores, entre eles destaco Ariés (1973), Corsaro (2011), Carvalho (2006) e a legislação brasileira referente ao tema. Este capítulo tem como objetivo mostrar a importância de se valorizar a aproximação entre família e escola, reconhecendo as características da escola, da educação e da família modernas.

O capítulo 2 é o marco empírico. Uma reflexão da prática pedagógica realizada em uma escola particular do Distrito Federal, nas formas de participação da família na escola. O objetivo é mostrar como essa participação ocorre nesta escola particular – Educação Infantil – no Distrito Federal. Os dados dessa reflexão



ocorreram a partir do estágio obrigatório do Projeto 4 do Curso de Pedagogia e das experiências profissionais como docente e assistente de coordenação de escola e foram coletados a partir da observação ativa registrada em diário de bordo e entrevistas a atores sociais da escola. Para tanto, descrevo toda a rotina escolar, a forma como a escola trabalha e qual sua postura diante de algumas situações. A partir destes relatos, são feitas reflexões no sentido de favorecer a compreensão do tema participação da família na escola.

O terceiro capítulo é a minha percepção da escola. Apresento os resultados das entrevistas e faço as análises e contribuições para que se altere algo que seja necessário.

Quase finalizando, as considerações finais que fazem um resgate de todo o trabalho e apresentam as sugestões que podem contribuir para mudar o atual cenário neste local. Levando em consideração todas as análises e reflexões feitas na monografia.

Para encerrar, a perspectiva de atuação profissional que são minhas intenções a partir da conclusão da graduação em pedagogia.

## SUMÁRIO

Homenagem.....	4
Agradecimentos .....	5
Resumo .....	6
Apresentação .....	7

## PARTE I

Memorial Educativo: Seguindo caminhos - Sonhando com um amanhã mais solidário .....	11
---	----

## PARTE II

Monografia .....	22
Introdução .....	23
Capítulo 1: Marco Teórico .....	24
Capítulo 2 : Marco Empírico - Reflexão das formas de participação da família na escola em um espaço educativo do Distrito Federal.....	35
Capítulo 3: Percepção da escola – Análise das entrevistas .....	44
Considerações finais.....	47
Referencial Bibliográfico.....	49

Anexos.....51

**PARTE III**

Perspectivas de Atuação Profissional .....54

**PARTE I**  
**MEMORIAL**

**SEGUINDO CAMINHOS, SONHANDO COM UM AMANHÃ MAIS  
SOLIDÁRIO.**

Toda a trajetória acadêmica de Ana Carolina de Oliveira Vieira

## **Primeiros passos**

Ingressei na Universidade de Brasília no segundo semestre do ano de 2007. Tinha 20 anos de idade e lembro-me, como se fosse hoje, da imensa alegria em saber da minha aprovação. Hoje, ao fim da graduação, já com 25 anos de idade, me deparo com a situação em que terei que relembrar e relatar todos os passos e caminhos tomados pra chegar até aqui.

O percurso foi longo e, por muitas vezes, penoso também. Relatarei tudo exatamente como aconteceu. As emoções e sentimentos gerados a partir da leitura ficam por conta de quem me interpreta.

No ano de 1989, morava na cidade satélite de Ceilândia com meus pais e minhas 3 irmãs mais velhas. Tinha 2 anos de idade quando ingressei pela primeira vez em uma escola. A experiência não foi nada boa já que naquela idade não queria mesmo saber de ficar em uma escola longe dos carinhos e chamegos de minha mãe. Esta que, por sua vez, sempre teve que trabalhar duro para ajudar nas despesas da casa. Como não tinha se preparado para o mercado de trabalho desde que se casou, trabalhava em um quiosque de lanches, localizado no centro de Brasília. A experiência de me matricular em uma “escolinha”, mais precisamente em uma creche, foi frustrada, uma vez que não aceitei ficar grande parte do dia longe da minha mãe e irmãs.- Neste memorial, falarei bastante de histórias envolvendo minha família, principalmente minha mãe, por dois motivos: primeiro porque são extremamente relevantes no processo de construção de minha história e identidade; segundo porque um dos objetos de estudo do meu trabalho final de curso é, justamente, a família.

Como minha mãe achou melhor me tirar da creche, tive que ficar em casa mesmo com minhas irmãs, pois minha mãe saía de manhã para trabalhar. Neste período de 2 aos 4 anos ficava na companhia de minhas irmãs que sempre queriam brincar de escolinha e eu, por ser a mais nova, sempre era aluna e nunca a professora. Este momento foi muito importante na minha formação, pois fui alfabetizada aos 4 anos de idade por minhas 3 irmãs mais velhas.

Ao voltar para a escola, nesta idade, já sabia ler e escrever pequenas palavras. Nesse momento a escola era o que havia de melhor para mim e toda aquela aversão do início já não existia mais. Estudei em uma pequena escolinha particular até os meus 5 anos de idade. Aos 6 anos, na antiga pré-escola, meus pais queriam que eu passasse a estudar em uma escola de muito boa referência da Ceilândia: a Fundação Bradesco. É uma escola da iniciativa privada, mas que não cobra mensalidade de seus alunos e sempre foi considerada “exemplo de educação”. O fato é que para ingressar nesta escola era necessário fazer um teste, que no meu ponto de vista, é um processo seletivo tão cruel quanto tantos outros que conhecemos hoje, onde não há a real intenção de avaliar o que o aluno sabe, mas sim de “selecionar” aqueles que posteriormente trarão algum retorno para a instituição. Enfim, lembro-me que no dia do meu “teste” chovia muito e minha mãe, que tinha faltado trabalho, me levava no colo, pois a água que descia pelas ruas era muito forte. Quando chegamos à escola, já tinha terminado o tempo de atendimento da diretora. Foi preciso muita insistência para que ela nos deixasse entrar. Até que ela permitiu nossa entrada e fez a avaliação comigo. As perguntas eram do tipo: “Quem é maior? O cavalo ou a aranha?” Ela perguntava isso e mostrava imagens dos animais, além disso, pedia que eu comparasse também o número de sílabas das palavras. Hoje, depois de tanto tempo e reflexões feitas na faculdade de educação, pergunto-me: quantas crianças com 6 anos de idade conseguem tão facilmente comparar quem é maior o cavalo ou a aranha inclusive considerando o número de sílabas de cada palavra que, neste caso, é igual? Essa foi uma das questões que me motivaram a querer tanto trabalhar com educação.

Enfim, no resultado do teste, fui aprovada em primeiro lugar entre as crianças da minha idade que provavelmente não tiveram a oportunidade de serem alfabetizadas em casa por suas irmãs e não sabiam separar sílabas. Ainda que essa “vantagem”, no fim das contas, não influenciassem tanto no resultado final.

## **Começando a enxergar a realidade**

Estudei na Fundação Bradesco até os meus 9 anos de idade quando meus pais se separaram e fui morar com minha mãe na cidade satélite do Paranoá. Em toda minha trajetória escolar, sempre estudei em escolas públicas e sempre tive a preocupação de aprender de fato e claro, tirar boas notas. As reuniões de pais e responsáveis sempre foram motivos de orgulho para meus pais. E assim, fui construindo minha história acadêmica. Sempre gostei bastante de escrever então, na escola, sempre participei de concursos culturais de redação e poesias, até recebi alguns prêmios e homenagens.

Minha primeira decepção com a escola e o que eu “aprendia” na escola veio aos 14 anos, quando estava na 8ª série (hoje 9º ano) e senti muita vontade de estudar no Colégio Militar de Brasília, pois sabia que esta escola tinha e tem até hoje um ensino de muito boa qualidade e que preparava bem seus alunos para outros processos de seleção da vida. Foi neste momento que me deparei tendo que estudar tantos conteúdos que nunca tinha nem ouvido falar em minhas aulas regulares e vi que minhas notas altas nos boletins escolares não significavam absolutamente nada para contextos fora da própria escola. Foi então que um professor de literatura e matemática convidou os alunos de suas turmas para estudarem em cursinho preparatório para o CMB coordenado e organizado por ele mesmo. Ele falou que as pessoas que fossem até lá para conhecer o local, que era na W3 Norte, teriam um bom desconto para estudar. No fim das contas, apenas quem compareceu fui eu e mais 3 colegas. O professor João então decidiu nos dar bolsa integral para estudar em seu cursinho. Foi maravilhoso para mim, porque eu queria muito. Foi frustrante também, pois mais uma vez percebi quão grande é a distância entre o ensino público oferecido pelo Governo e o ensino oferecido e mantido por outras instituições que não o poder público. Estudar neste cursinho preparatório me ajudou a abrir os olhos para o que realmente iria querer dali pra frente. Esse professor se tornou alguém muito especial e importante, pois era ele quem nos auxiliava nos passos que deveríamos dar. Não passei no processo seletivo do CMB, mas tive oportunidades de adquirir experiências que, de outras formas, não conseguiria com certeza.

Fiz o Ensino Médio em Escola pública mesmo, mas neste momento de minha vida, com os olhos mais abertos para o que poderia ou não acontecer e consciente mais do que nunca de que as escolhas que eu fizesse dependeriam em grande parte de mim mesma. E muitos desses ensinamentos foram passados pelo professor João. Um ano depois de ter sido reprovada no exame do CMB, o professor João, que sofria de anemia muito forte, veio a falecer. Foi muito triste, mas a maior riqueza que ele nos deixou foi a de reconhecer que, mesmo com nossas limitações que a própria trajetória de cada um deixa, ninguém tem o direito de nos dizer que não somos capazes ou que não conseguiremos realizar qualquer coisa. Minha motivação passou a ser maior desde então.

### **A busca pelo caminho certo**

Meu ensino médio foi inteiro pensando em o que eu faria quando terminasse. Sempre tive um imenso desejo de trabalhar como Fisioterapeuta, por influência do meu pai que havia trabalhado 12 anos nessa área. Achava uma profissão muito linda e entendia que me realizaria dessa forma. Porém, não havia esse curso em instituição pública e nas instituições particulares custava valores completamente fora do contexto de minha família. Mais à frente vou retomar deste ponto.

Ao término do Ensino Médio, já tinha experiências suficientes que me provaram que o ensino recebido nas aulas regulares não eram suficientes para me auxiliar no ingresso à Universidade de Brasília. Minha escola participava do PAS, Programa de Avaliação Seriada, mas não se importava nem um pouco em orientar os alunos no sentido das vantagens de realizar a prova, portanto, participei de 2 fases do programa, meio sem saber o porque e, na terceira fase, desisti de participar.

Quando concluí os três anos do ensino médio, pedi para que meus pais fizessem um grande esforço para deixar suas diferenças de lado, uma vez que após a separação eles não se falavam de forma alguma, e pagassem um cursinho para que eu pudesse me preparar melhor para o vestibular da UnB. Eles aceitaram.



O primeiro semestre de cursinho foi um desastre. Eu estava totalmente perdida e deslocada. Cada vez que entrava um professor na sala eu entrava em pânico e já pensava: "qual será o assunto que eu nunca ouvi falar que será tratado hoje?" Foi terrível e para piorar, tinha a dúvida do que fazer, que curso escolher, qual profissão seguir. Escolhi Letras, por ter sempre gostado de escrever e só isso. Resultado: reprovação no vestibular. Frustração total, certamente. Porém, eu sabia que nem tudo estava perdido, que numa segunda vez, eu teria mais chances. Os conteúdos não seriam tão estranhos para mim. Meu pai se recusou a continuar pagando e minha mãe arcou com as despesas junto com meu padrasto, que hoje considero com um "PAldrasto".

Nessa época, minha família levou algumas rasteiras da vida: minha mãe perdeu sua única fonte de renda para a família. Se desentendeu com um grande empresário que se sentiu incomodado com o quiosque dela próximo ao seu prédio e logo fez com que a administração de Brasília o retirasse do local, não permitindo nem que ela se instalasse em outro lugar. Foi horrível, pois minha mãe entrou em depressão, meu padrasto havia sido demitido há pouco tempo, também por um golpe de azar. Eu vi nesses acontecimentos, minha chance de mudar a história de sofrimento da minha mãe. Foi sempre pensando nela que busquei todos os caminhos para o sucesso, pois sei o quanto ela quis e batalhou para que suas filhas o alcançassem.

Fiz mais um semestre de cursinho, agora já estava mais integrada nas matérias, o que não estava bem encaixada na minha cabeça era a escolha do curso. Tentei dessa vez para Educação Física. Não sei por quê. Resultado: mais uma frustração, reprovação. Foi pior ainda para mim, pois dessa vez eu tinha esperanças de ser aprovada, mas não tirei nota suficiente para isso. No entanto, minha mãe sempre acreditou, e não desistiu. Disse para eu continuar que ela daria um jeito de pagar. Eu concordei. O jeito que ela encontrou foi de levar churrasquinhos e lanches para vender na porta do cursinho, assim economizávamos também o dinheiro da passagem, pois eu voltaria com ela de carro. A fonte de renda da família, -que agora devo falar de quem é constituída: minha mãe, meu padrasto, uma de minhas irmãs, meus 3 sobrinhos e eu - passou a ser o carro da minha mãe. Que não era nenhum

modelo do ano, mas nos servia muito bem. Dona Ovídia, minha mãe, saía para as festas de Brasília vendendo lanches durante toda a noite. E nesse contexto, fiz meu terceiro semestre de cursinho, já cansada, estafada. E aos finais de semana, algumas vezes, ia com minha mãe vender lanches. Eu precisava passar dessa vez. Era uma questão de honra e satisfação pessoal mesmo. Na hora de escolher o curso, mais dúvidas. Ainda não tinha me decidido, minha mãe sugeriu que eu fizesse jornalismo. Aceitei a sugestão. Resultado: já estou cansada de escrever o quanto reprovei no vestibular da UnB. E ainda não foi dessa vez que consegui a tão sonhada aprovação. Foi então que havia participado do programa do Governo que concede bolsas de estudo para estudantes de baixa renda, o PROUNI. Consegui uma bolsa integral para cursar Secretariado Executivo. Eu já estava desacreditada da UnB e essa foi a opção que me restou. Eu aceitei fazer o curso, mas muito frustrada, pois eu não tinha certeza do que queria fazer, mas secretariado era algo que, com certeza, eu não queria. Para completar minha decepção, a faculdade não era das melhores e não tinha o reconhecimento que todo profissional quer ter. Fiz assim, 2 semestres do curso, muito triste, pois não me acostumava com a ideia de ser secretária executiva e sempre carregava comigo a frustração de não ter passado no vestibular da UnB.

### **O “sonho” parecia tão perto...**

Um dia, eu estava em uma estafante aula de matemática na faculdade, quando recebo uma ligação de meu pai.- Retomo agora, a parte em que mencionei que sempre quis trabalhar como fisioterapeuta. – Meu pai, que já não trabalhava com fisioterapia há muito tempo, estava trabalhando em uma conceituada Universidade que, por sinal tinha o curso de fisioterapia. Na ligação que recebi dele, ele me contou que toda a direção e reitoria da universidade tinham mudado e que os funcionários agora teriam direito a um desconto de 75% nas mensalidades para seus dependentes. Foi um dos dias em que me senti mais feliz em toda minha vida, pois via ali um sonho próximo de ser realizado. Meus pais, mais uma vez se uniram e concordaram pagar juntos os 25% restantes da mensalidade que, mesmo com desconto, ficariam no valor aproximado de R\$ 400,00. Valor ainda elevado para nós.

Mesmo assim, não hesitei. Na mesma hora liguei para minha mãe e, com sua aprovação, tranquei meu curso de Secretariado. A única coisa que eu precisava fazer era passar no vestibular e pronto. Fazendo tantos semestres de cursinho, sempre ouvi falar que os vestibulares das faculdades particulares não eram nem um pouco difíceis, ainda assim, por precaução decidi estudar muito. Eu estava muito feliz. Minha família não se contia de tanta felicidade. Fiz a prova do vestibular e, dessa vez, finalmente passei. Primeiro lugar entre os alunos de fisioterapia. Dei pulos e mais pulos de alegria. Então fui com meu pai efetivar a matrícula. Estava tão perto. Fizemos então a matrícula e fiquei aguardando as aulas começarem.

Nessa fase tão feliz de minha vida, enquanto aguardava o início das aulas, minha mãe, sempre ela, me pediu para que somente mais uma vez eu tentasse o vestibular da UnB. Ela me tranquilizava dizendo que agora que eu já estava feliz com o que ia fazer, a pressão seria menor e eu poderia tentar mesmo para desincumbir de consciência. Pensei que deveria fazer e escolher um curso que não exigisse tanta nota, para dar a alegria que minha mãe tanto queria. Assim o fiz. E foi dessa forma que me inscrevi para o curso de pedagogia. Nunca tive a menor intenção de trabalhar com educação infantil. Fui fazer a prova tão leve, de uma forma que nunca tinha me sentido antes. O único pensamento que eu tinha nos dias de vestibular era o de que eu realizaria meu grande sonho de ser fisioterapeuta. Assim, fiz as provas. Sem me preocupar com a quantidade de questões que eu precisava acertar para passar.

Passados alguns dias, aconteceu algo que mudaria para sempre minha trajetória: mais uma vez recebo uma ligação do meu pai. Dessa vez para dizer que, por alguma razão desconhecida até hoje, o reitor não mais liberaria os descontos para os alunos. Meu pai chorava muito ao me dar essa notícia e, neste momento, meu mundo veio ao chão. Minha mãe e eu ficamos desoladas com tal notícia. Foi então que comecei a pensar que minha última esperança seria o vestibular da UnB. Aquele que eu havia feito sem a menor preocupação em passar.

Neste momento, a única coisa a fazer era aguardar o resultado. Vivi dias muito tensos aguardando esse resultado e resolvi sair para um evento da igreja, um acampamento de jovens. Foi durante este evento que o resultado do vestibular saiu.

O problema era que o local em que estávamos acampados era totalmente isolado de qualquer fonte de informação ou notícias do que acontecia na cidade. Logo, não tinha sinal de internet próximo, mas como eu queria e precisava muito saber do resultado, tive que andar muito para encontrar um local com internet. Encontrei.

### **A grande notícia!**

Finalmente recebi a notícia que por tantas vezes quis saber. Fui aprovada no vestibular da Universidade de Brasília. A alegria foi tanta... Um sentimento de alívio, uma sensação de leveza da alma. Saí correndo pulando e gritando aos quatro ventos a minha felicidade.

Então, no 2º semestre do ano de 2007 ingressei na UnB como aluna do curso de Pedagogia. Tudo era muito novo e encantador para mim. As pessoas que conheci foram cruciais para todo o meu processo de formação na Universidade de Brasília.

Bastaram as aulas começarem, após um longo período de greve, para que eu tivesse a certeza de que Pedagogia deveria ter sido minha primeira escolha desde sempre. Eu estava simplesmente apaixonada pelo curso.

Ao longo do período de graduação fui cursando disciplinas que me ampliaram os horizontes e me fizeram enxergar o mundo de uma forma diferente. Entre essas disciplinas, Educação Infantil foi uma que me fez perceber que essa área seria a melhor escolha para minha atuação. Sociologia da Educação me fez entender de que forma a educação era pensada e quais os percursos percorridos e pessoas que contribuíram para o cenário atual da educação assim como também de que forma a educação pode ser um agente transformador social. Em Organização da Educação Brasileira conheci os meios e recursos que a legislação oferece que amparam a educação e de que forma esses recursos podem ser acionados na perspectiva de contribuir para a melhoria da qualidade de educação brasileira. Os projetos foram igualmente importantes para me auxiliar nos caminhos que tomaria na vida profissional. Parte do meu projeto 3 foi feito na área de alfabetização e linguagem. Tive a oportunidade de fazer algumas observações e mediações com crianças do ensino infantil, foi então que percebi que esta faixa etária era a que me interessava.

O Projeto 4 (fase 1 e 2) tem como objetivo levar os educandos a terem o contato direto com a prática daquilo que aprenderam até então. As práticas podem ser em ambientes escolares ou não e tem uma carga horária de 240 horas sendo 120 para cada fase do projeto. Nestes momentos, são feitas observações, registros e discussões sobre a prática pedagógica e de que forma se pode contribuir para a melhoria do cenário educacional atual.

Na primeira fase, participei de um programa advindo de uma parceria da Faculdade de Saúde da UnB a Faculdade de Educação. Esse programa era realizado na cidade do Recanto das Emas e os estudantes, orientados por professores, auxiliavam no sentido de compartilhar suas experiências e conhecimentos obtidos em seus respectivos cursos de graduação. Minha participação foi no acompanhamento pedagógico daquelas crianças rotuladas como “crianças com dificuldade de aprendizagem”. Após realizar algumas atividades com essas crianças, percebi que na maioria dos casos, não havia dificuldade de aprendizagem, mas sim uma deficiência no acompanhamento feito com essas crianças tanto por seus professores como também por sua própria família. Muitas vezes, percebi que a impossibilidade de suas famílias acompanharem seu processo de aprendizagem influenciava em seu desenvolvimento escolar. Foi então que me despertei para estudar a influência da participação da família da vida escolar da criança.

Na fase seguinte do projeto 4 quis observar melhor de que forma a participação da família pode influenciar das crianças. Fiz observações no meu local de trabalho, uma escola particular de Brasília em que o perfil econômico das famílias é bastante elevado e é classificado nas classes A e B segundo a classificação oficial. Fui instigada a pesquisar mais sobre o tema. Dessa forma, estou aprofundando meus estudos nesse trabalho de fim de curso.

A minha vivência na Universidade de Brasília contribuiu para aumentar ainda mais meu interesse pela educação. As experiências vividas e as lições aprendidas me proporcionaram um entendimento da importância da educação para todas as pessoas e quais os seus resultados na vida de cada pessoa.

A escolha do tema da minha monografia foi feita embasada nas tantas observações feitas mesmo informalmente, desde que me interesse pela educação. Há muito tempo. A relação da família com a escola sempre me despertou um interesse, pois tive a oportunidade de observar de perto alguns efeitos dessa relação na minha própria família. A intenção agora é aprofundar os estudos e contribuir, de alguma forma, para outras pessoas com o mesmo interesse.

Durante minha graduação foi possível conhecer e recorrer a teóricos que me deram aporte para estudar e pesquisar o tema escolhido para o meu TCC. O aprofundamento feito agora no final do curso, nada mais é do que um resgate daquilo que pude observar e estudar nesses 5 anos. Com certeza, a participação de tantos professores excelentes em minha vivência foi crucial para que eu escolhesse este tema de estudo, aumentando minha vontade de pesquisar sobre a relação da família com a escola.

**PARTE II**  
**MONOGRAFIA**

**REFLEXÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
ESCOLA**

## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da reflexão sobre a participação da família na escola e de que forma esta relação pode qualificar esta participação para uma gestão mais comprometida com a educação.

A participação da família no ambiente escolar e na vida acadêmica de seus filhos tem sido um assunto que ganha espaço no contexto atual, uma vez que se percebe a necessidade de fincar uma parceria entre ambas as instituições (escola e família) visando o objetivo comum de contribuir para a formação do indivíduo para que este viva em sociedade. Cada vez mais se discute a importância da participação dos familiares na escola e essa importância é ressaltada na medida em que se é possível encontrar inúmeras de trabalhos e pesquisas realizados nesta área.

Percebendo essa alteração no cenário acadêmico atual e utilizando minha experiência em escolas- trabalhei por dois anos como assistente de turma em uma escola particular e atualmente estou na área de assistência à coordenação escolar -, escolhi o tema em questão.

O objetivo é descobrir de que forma a participação é entendida e utilizada dentro do ambiente escolar, como se dá essa participação (observando a rotina de uma escola específica) e ainda qual a importância da relação da família com a escola, no sentido de participação, para a vida escolar das crianças. Para tanto foi feito um levantamento sobre as formas de participação e sua utilização em cada espaço, utilizando conceitos de Motta (1994). Pretende-se estudar se, de fato, a participação da família na escola pode ser qualificada proporcionando uma gestão comprometida com a educação.

O trabalho, dividido em 3 capítulos, foi realizado tendo como suporte as seguintes metodologias: observação ativa dentro do ambiente escolar, diário de bordo com os registros das observações e entrevistas feitas a atores sociais da escola.



O referencial teórico baseia-se na legislação brasileira a respeito do tema, nos livros de Philippe Ariés (História Social da Criança e da Família), Heloisa Szymansky (A relação família/escola: desafios e perspectivas) e Willian Corsaro (A sociologia da infância). Entre outros trabalhos publicados a respeito do tema.

O Brasil tem uma legislação que garante o direito de todos à educação. A educação é o caminho para que o indivíduo se prepare para o trabalho, para uma vida melhor. E essa garantia, de acordo com a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, deve ser assegurada tanto pela instituição da escola quanto pela instituição da família que também tem o dever de garantir educação de qualidade para todas as crianças. Logo, percebe-se a importância de ambas trabalharem em esquema de parceria e colaboração, visando sempre o bom desenvolvimento de cada educando.

O que pode contribuir para uma análise mais aprofundada do tema em questão é um olhar mais de perto de uma instituição escolar. A observação ativa pode contribuir para esta reflexão e proporcionar referências para algumas análises e até mesmo conclusões.

A escola observada foi uma instituição particular de Brasília em que o nível econômico dos estudantes é bem alto. Foi possível observar que muitas dessas crianças ficam com as babás ou contam com o período de educação complementar que a escola oferece para ficar o dia inteiro na escola, algumas chegam a ficar 12 horas na escola. A observação foi feita justamente em torno da participação da família na vida escolar das crianças ainda que, em muitos casos, essa participação aconteça de forma bem superficial.

# CAPÍTULO 1

## MARCO TEÓRICO

O objetivo deste capítulo é identificar formas de participação existentes para então selecionar aquela que melhor se aplica ao contexto escolar, mostrando a importância dessa aproximação na formação do educando.

A participação e envolvimento da família no contexto escolar de seus filhos é um tema que, aos poucos, tem ganhado mais espaço nos meios acadêmicos, este fato pode ser observado pela grande quantidade de trabalhos publicados nesta área, material este que será utilizado como referencial neste trabalho.

A escola e a família têm em comum o objetivo de contribuir para formação intelectual e social do educando. Quando há bons resultados das crianças na escola não há tanta preocupação, entende-se que ambas (escola e família) estão contribuindo com sucesso na aprendizagem dessas crianças. Porém, quando o rendimento não é satisfatório ou o comportamento não é adequado há uma especulação sobre quem não está cumprindo seu papel.

Neste sentido, surge a necessidade de valorizar a relação família-escola. No entanto, para haver essa parceria é preciso que a família esteja envolvida profundamente com a escola. Isso quer dizer que ambas devem trabalhar com o mesmo objetivo: o bom desenvolvimento das crianças preparando-as para a vida em sociedade.

É importante também, conhecer de fato de que família se fala, que escola é essa e quais os impactos das mudanças ocorridas ao longo da história até chegar-se ao contexto atual.

O conceito de família nos dias atuais é diferente daquele de alguns tempos atrás. A família nuclear (pai, mãe e filhos) deixa de ser o único modelo aceito pela sociedade. O fato de a criança estar sendo criada e educada por mães ou pais

solteiros, avós, tios, enfim, não faz dessa criança um indivíduo sem família, mas uma família diferente.

Para Ariés (1973), no período medieval, a ideia de educação era iniciada em casa, quando as crianças eram mandadas para casas de estranhos a fim de aprenderem serviços domésticos, noções de etiqueta e como se portarem na posição de serviçais. Dessa forma, o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. Pode-se perceber então que, neste contexto, a participação da família era no sentido de encaminhar essas crianças a residências de pessoas estranhas para que pudessem aprender questões básicas para sua convivência em determinada comunidade. A função da família era auxiliar as crianças que chegavam em suas casas para aprender as atividades que realizariam.

Com o passar dos anos, esse contexto foi mudando e foi-se percebendo que o conceito de educação era algo muito além do que ensinar serviços domésticos às crianças. Essas crianças passaram a ser vistas de fato como crianças e não mais como miniadultas. Outros fatores também contribuíram para a mudança desse cenário educacional.

Reafirmando este pensamento, Corsaro Willian A. (2011) considera que:

O aumento nos índices de divórcios, o crescimento do número de família monoparentais e mistas, o aumento do nascimento de filhos fora do casamento e a crescente lacuna entre ricos e pobres tiveram profundos efeitos sobre as mudanças nas vidas das famílias e das crianças.

Esses efeitos devem ser observados para uma análise mais aprofundada sobre o tema. No contexto atual, as famílias estão cada vez mais se afastando do modelo “padrão” que já não faz tanto sentido. Essas alterações neste cenário são também relevantes na medida em que se observa mudanças no comportamento das crianças e seus reflexos no processo de aprendizagem de cada uma.

Segundo Ariés em seu livro *História Social da Criança e da Família*, a criança no período medieval não se envolvia diretamente nos assuntos relacionados à família e tampouco tinham suas opiniões levadas em consideração para qualquer

decisão a ser tomada. Essa característica da criança que opina no ambiente familiar é recente. Este conceito de participação representa uma tentativa de examinar intimamente a importância das relações interpessoais, no contexto da vida familiar, para o desenvolvimento social e emocional das crianças.

Para algumas pessoas a escola é a extensão do lar, portanto escola e família devem estar interligados no processo de aprendizagem das crianças. Como que em uma parceria. O aprendizado que se inicia na escola deve ser continuado em casa e vice-versa.

Abadia Baseleski (2009) escreveu um projeto de pesquisa com título: *A influência da família no contexto escolar* e menciona Negrine. Este afirmando que a educação que vem antes da escola, aquela herdada da família é que vai definir a personalidade do indivíduo no contexto escolar. É dentro da família que a criança começa a receber as primeiras noções sobre valores que as auxiliarão na sua vida cotidiana. É também dever da família, de acordo com a Constituição Federal, assegurar com absoluta prioridade o direito à educação entre outros às crianças e jovens, dessa forma, firma-se a ideia de que a função de educar inicia-se na família e a escola tem a função de continuar o processo.

Deve-se também levar em consideração que a família é considerada pela sociedade como algo de mais valioso que uma pessoa pode ter. Fato esse comprovado e assegurado por meio da Lei 8.069/90:

Art. 19 - Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.

Entende-se, dessa forma, que a família tida como base na formação de cada pessoa tem grande influência nos resultados alcançados a partir dessa interação da família no ambiente doméstico.

Quando se fala da escola neste contexto de sua relação com a família, pode-se levantar uma reflexão sobre sua função social e sua influência na vivência de

cada educando, assim com também de que forma a escola moderna tem contribuído no sentido de favorecer esta relação.

No artigo *Função social da educação e da escola*, OLIVEIRA, MORAES & DOURADO (SD), afirmam que a “*escola, enquanto criação do homem, só se justifica e se legitima diante da sociedade ao cumprir a finalidade para qual foi criada.*” A questão que se levanta é: para que finalidade foi criada esta instituição? Ainda de acordo com os autores, a escola precisa ser um espaço de sociabilidade que possibilite a construção e a socialização do conhecimento produzido, tendo em vista que este conhecimento não é dado a priori. Trata-se de conhecimento vivo e que se caracteriza como processo em construção. Ou seja, o conhecimento é adquirido ao longo da convivência diária entre todos os envolvidos no ambiente escolar e familiar.

A partir do momento em que a criança começa a frequentar a escola, seu modo de aprendizagem se modifica. A criança passa a ter outras referências além daquelas pessoas que a rodeiam no ambiente doméstico.

Neste artigo, menciona-se Frigotto (1999) que diz que a escola é uma instituição que mediante sua prática no campo do conhecimento, dos valores, atitudes e, mesmo por sua desqualificação, articula determinados interesses e desarticula outros. Nessa contradição existente no seu interior, está a possibilidade da mudança, hajam vistas as lutas que aí são travadas. Portanto, pensar a função social da escola implica repensar o seu próprio papel, sua organização e os atores que a compõem.

Essa contradição citada pelo autor e existente no interior da escola pode ser vista também como causa de possíveis mudanças no processo de ensino aprendizagem das crianças. Analisar em que nível há influência da participação da família na escola e vice versa é entender os fatores presentes na relação família escola que são agentes influenciadores no retorno e no resultado que se tem do educando em sala de aula.

É válido também ressaltar a importância do professor neste contexto para que se entenda de que forma a escola está atualmente contribuindo com a formação dos educandos.

O professor deve agir como mediador no processo de construção de conhecimento. Carvalho (2006), ressalta ainda que o professor deve também agir como incentivador da reflexão dos educandos. Ainda de acordo com este autor, o objetivo principal da educação é proporcionar a estes educandos um conteúdo que incentive a reflexão.

Neste sentido, surge a necessidade de analisar se a escola está cumprindo com este papel, o de proporcionar um ambiente favorável às relações dela com a família.

Carvalho (2006), ressalta:

O mundo racionalizado, usando dos mecanismos burocráticos, transforma a escola em um meio para almejar a posição de algum modelo, elaborado por esta mesma sociedade, de acordo com as suas necessidades, obrigando o ser humano, inserido em todo esse processo, a limitar suas opções.

Esta afirmação de Carvalho retoma a reflexão da função da escola. Não dá pra separar escola de sociedade porque uma é o reflexo da outra. O papel da escola deve ser repensado e as pessoas envolvidas neste contexto precisam entender sua participação em cada processo. Não se trata de preparar indivíduos para desempenhar papéis, mas considerar todos dentro de suas individualidades, percebendo a tendência de cada um seguir seu próprio caminho. Para que isso aconteça, mais uma vez ressalta-se a relevância de escola e família trabalharem juntos, participando da vida das crianças. Proporcionando assim, uma independência de reflexão que se faz necessária e desprendendo-se da postura ditatorial que limita as possibilidades.

A participação dos pais na escola é de extrema importância para que se estabeleça a relação de confiança entre família e escola, uma vez que sob esta relação são firmados processos importantes para o desenvolvimento das crianças. Entende-se que, inicialmente deve partir da escola a responsabilidade de proporcionar esta participação, o partilhamento da educação entre as duas instituições e todos os que se relacionam com elas.

Motta (1994), estabeleceu em um de seus artigos quatro formas e definições de participação.

A participação conflitual é aquela que se baseia no processo de negociação coletiva. No âmbito escolar, essa participação pode ser observada nos conselhos escolares onde há participação de professores, gestores, pais e, em alguns casos, representantes da comunidade. Este tipo de representação acontece normalmente nas escolas públicas.

Participação funcional define-se pela realização de reuniões periódicas entre unidades organizacionais e níveis hierárquicos em geral. Reuniões que servem de ocasiões para debate, consulta e informação. Este tipo poderia ser utilizado nas escolas desde que essas consultas sejam feitas com a intenção de se acatar, de fato, ao que se sugere, visando o bom andamento da instituição escola.

Participação administrativa, um tipo que se organiza por representação. Há a formação de comissões que representam classes de trabalhadores. No âmbito educacional, é muito semelhante à forma utilizada nas Universidades.

Por fim, a co-gestão que é uma forma avançada de participação que proporciona a co-decisão em determinados temas e o direito de consulta em outros. Pode ser paritária ou não.

É importante mencionar essas formas de participação, pois nos permite fazer uma análise da forma que poderia ser considerada adequada ao sistema escolar no âmbito da educação infantil, que é o caso neste trabalho. Nas escolas, é fundamental que se discuta uma forma de participação efetivamente de resultados que seria aquela em que há a cooperação e colaboração de todos os envolvidos no contexto escolar, abrangendo professores, direção, e servidores em geral. Para tanto, é necessário que se entenda o que significa participar e quais os efeitos dessa participação na vida de cada aluno.

Participar não significa assumir um poder, mas sim participar desse poder, no entanto é difícil analisar até que ponto essa participação é de fato permitida e se ainda são considerados os fatores que podem torná-la mais eficaz. Por exemplo,

ouvir as diversas partes que representam os diferentes setores da escola para toda e qualquer decisão que precise ser tomada e sempre levando em consideração o fato de que a escola é um lugar plural, onde as pessoas são diferentes e precisam ter essas diferenças consideradas. Acima de tudo, essa participação deve ser qualitativa. Jogando por terra a justificativa de alguns pais que alegam não terem tempo de estarem sempre presentes na escola.

Em escolas públicas, existem os conselhos escolares que proporcionam uma participação mais aberta nas decisões escolares. O Conselho Escolar é constituído por representantes de pais, professores, outros funcionários da escola, membros da comunidade local e o diretor da escola. Cabe a este Conselho determinar as regras de maneira transparente e democrática afim de que todos tenham conhecimento dos acontecimentos da escola sejam eles de qualquer razão. No entanto, apesar de se observar que estes conselhos podem ser uma forma eficaz de participação nas escolas, ainda é necessário que haja um envolvimento maior de toda a comunidade para que estes ocorram de fato em todos os espaços escolares, pois há ainda muitas escolas que não contam com esta ferramenta da gestão democrática.

Silva (2006), escreveu um ensaio sobre a participação da comunidade na gestão escolar e diz que a participação não é aquela em que se busca a opinião de outras pessoas, mas não se dá importância ao que elas opinaram. Além de ouvir e aceitar os pontos de vista, é necessário considerar o que falam e ainda buscar soluções para os problemas encontrados.

O artigo 53 da Lei nº 8.069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente diz o seguinte: “(...)é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”. A Lei de Diretrizes e bases - LDB (Lei nº 9.394/96) também faz determinações a respeito da participação da comunidade na gestão escolar:

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: 1. participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; 2. participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. (...) sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares progressivos



graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira (...).  
(artigos 14 e 15).

Quando se fala na participação da comunidade no setor privado, é possível perceber algumas mudanças. Por exemplo, as instituições buscam deixar bem claro que aceitam e buscam a participação da família/comunidade nas atividades e decisões escolares. O que não significa, necessariamente, que somente isso seja suficiente para inserir a família na vida acadêmica dos educandos. É necessário analisar o nível dessa participação e seus resultados.

Se há um bom relacionamento entre os membros da família e a comunidade escolar, espera-se que o desenvolvimento da criança ocorra de maneira muito positiva. Escola e família formam entre si uma equipe que deve ter objetivos em comum, trabalhando de forma que se propiciem aos alunos uma oportunidade de traçarem seus caminhos com autonomia e segurança na aprendizagem formando assim cidadãos críticos e capazes de provocar mudanças positivas no contexto em que estão inseridos.

No entanto, não é nada simples fazer com que essa relação ocorra da melhor forma. Escola e família, muitas vezes buscam encontrar caminhos para que esta ocorra positivamente, mas fazem isso de forma isolada, sem levar em conta as contribuições do “outro lado”, não percebendo que desta maneira podem causar justamente o efeito contrário.

Para Caiado(sem data) – pedagoga e colaboradora do site *Brasil Escola* -, há algumas medidas que tanto escola como família devem tomar para que este processo aconteça da maneira esperada:

**Escola:**

- Cumprir a proposta pedagógica apresentada para os pais, sendo coerente nos procedimentos e atitudes do dia-a-dia;
- Propiciar ao aluno liberdade para manifestar-se na comunidade escolar, de forma que seja considerado como elemento principal do processo educativo;
- Receber os pais com prazer, marcando reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e principalmente exercendo o papel de orientadora mediante as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda;

- Abrir as portas da escola para os pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participar de atividades culturais, esportivas, entre outras que a escola oferecer, aproximando o contato entre família-escola;

Com essas orientações, a escola coloca-se no papel de facilitadora no processo de interação com a família. São sugestões que podem favorecer a relação, indicando uma tímida intenção de proporcionar uma maior participação da família na escola.

**Família:**

- Selecionar a escola baseado em critérios que lhe garanta a confiança da forma como a escola procede diante de situações importantes;
- Dialogar com o filho o conteúdo que está vivenciando na escola;
- Cumprir as regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea;

Essas medidas sugeridas por Caiado (SD) podem trazer boas contribuições para as crianças, porém é importante ressaltar que só isso não basta. Não se trata de uma cartilha de regras que é lançada e todos devem cumprir. É necessário um processo muito mais intenso. As famílias precisam entender a real importância dessa relação e a escola deve proporcionar maneiras para que a boa relação aconteça entendendo a família como parte ativa desse processo sempre se lembrando de que a criança é o foco dessas medidas.

O site do Ministério da Educação traz para os pais algumas orientações que eles podem seguir a fim de saber como acontece a relação da escola com a criança e como é o seu dia a dia. Faltam, porém, sugestões de formas de interação entre crianças, escola e família. Para isso a medida que o MEC tomou foi instituir o *Dia Nacional da Família na Escola* que é um evento realizado duas vezes ao ano e tem como objetivo sensibilizar a sociedade e comunidade escolar para a importância e necessidade da integração e acompanhamento da família nas atividades pedagógicas desenvolvidas pela escola para seus filhos. Neste dia, os pais podem também sugerir maneiras de integrar melhor escola e comunidade.

A iniciativa do MEC é totalmente válida, mas nos remete ao fato de que um ou dois dias somente com a família na escola não são suficientes para fazer com que os pais conheçam a rotina da escola e sugiram mudanças e alternativas.

A partir desse conjunto de ideias, apresentamos reflexões a partir de observações pedagógicas realizadas numa escola privada do Distrito Federal, analisando a relação família-escola.

## **CAPÍTULO 2**

### **Marco Empírico: reflexão das formas de participação da família na escola em um espaço educativo do Distrito Federal**

O objetivo deste capítulo é mostrar como ocorre a participação da família em uma instituição particular de Educação Infantil no Distrito Federal. Os dados dessa reflexão ocorreram a partir do estágio obrigatório do Projeto 4 do Curso de Pedagogia e das experiências profissionais como docente e assistente de coordenação de escola há três anos.

Os dados foram coletados a partir da observação ativa registrada em diário de bordo e entrevistas feitas a atores sociais da escola.

Para conhecer a rotina e a dinâmica da escola, descrevo algumas considerações extraídas do diário de bordo.

A escola observada fica localizada em uma área nobre de Brasília, cidade do Sudoeste. É uma instituição privada, com um amplo espaço físico e com bastante tradição entre os moradores da região. Tem 45 anos de existência e, atualmente, oferece todas as modalidades de ensino desde o berçário até o ensino médio. No entanto, o ponto forte da escola é a educação infantil. Conta com o suporte de bibliotecas, laboratórios de informática e ciências, quadras poliesportivas, quadra coberta, 4 parques infantis, parque aquático, auditório que, inclusive, é palco de palestras para professores, alunos e apresentações teatrais realizadas tanto pela escola, como também por companhias externas.

Esta instituição trabalha em parceria com uma academia que é responsável pelas atividades esportivas realizadas na escola como natação, judô e balé. Os serviços técnicos pedagógicos têm a finalidade de oferecer assistência e recursos pedagógicos, técnicos e materiais aos professores e todos os demais envolvidos no processo pedagógico a fim de facilitar as atividades que serão desenvolvidas no espaço escolar. São esses serviços: de orientação educacional, de coordenação

pedagógica, de sala de leitura, de recursos audiovisuais e laboratórios. Cabe aqui ressaltar que é do Coordenador pedagógico a responsabilidade de ajudar no processo de interação escola-família-comunidade e participar das reuniões do Conselho de Classe e da Comissão dos Professores da escola.

Como mencionado anteriormente, a escola fica localizada em uma área nobre de Brasília, portanto, o perfil socioeconômico dos estudantes é considerado alto. Os valores pagos nas mensalidades da educação infantil, por exemplo, vão além dos R\$1.500,00 deixando ainda de fora as despesas com lanche, almoço e materiais, todos adquiridos na própria escola. Os pais e familiares dos estudantes são bastante exigentes com relação à forma de que o dinheiro investido está sendo utilizado e retornado para os alunos. O que caracteriza uma forma de participação da família na escola como uma fiscalização na forma que o “serviço” está sendo prestado. Percebe-se que a educação, neste caso, é tratada como produto. Há uma relação utilitária entre família e escola nesse aspecto.

O Projeto Político Pedagógico da instituição tem fundamentos baseados na concepção construtivista do psicólogo e filósofo Jean Piaget e apresenta uma proposta que aborda aspectos tais como:

(...) desenvolver um processo de gestão que garanta a formação da consciência crítica do educando, criando mecanismos para a construção de sua própria aprendizagem e identidade, desencadeando uma mudança de comportamento como ser humano, alcançando todos os aspectos e dimensões do seu desenvolvimento. (Projeto Político Pedagógico p.5)

(...) tem como objetivo geral proporcionar uma base sólida de conhecimento e de desenvolvimento pleno, preparando os educandos para o exercício ativo de sua cidadania, transformando a educação num instrumento de mudança que visa integração harmoniosa do homem com o mundo e seu tempo. (Projeto Político Pedagógico p.6)

Estes pontos foram destacados na intenção de facilitar o entendimento da filosofia e funcionamento da escola. Dessa forma é possível verificar a relação entre o discurso e a prática pedagógica presentes na escola.

O diário de bordo nos proporcionou entender a rotina e a dinâmica do espaço escolar e a importância da família nesse processo.

A relação da comunidade com a escola é estabelecida nos momentos de entrada e saída dos alunos e nos momentos de interação proporcionados pela escola, como festinhas e as reuniões pedagógicas. Durante as observações pudemos perceber que muitos pais têm referências muito boas da escola. Por ser uma escola bem tradicional e com mais de 40 anos, em muitos casos são os próprios pais que estudaram na referida escola e optam por colocar seus filhos no mesmo ambiente de aprendizagem.

Observamos também que, periodicamente a escola divulga alguns cursos de formação continuada para os professores, porém, essas divulgações não são tão frequentes como poderiam ser. Oferece também palestras periódicas de formação para as assistentes de turma que trabalham em alguma atividade específica como natação ou o serviço de almoço oferecido pela escola.

Pelo período de cinco dias foi observada a entrada e saída dos alunos e também um pouco da rotina em sala de aula. A cobrança dos pais para com escola é bem visível e isso faz com que todos os envolvidos no ambiente escolar trabalhem de forma a reduzir o máximo possível os aborrecimentos. Por exemplo, o não cumprimento dos horários previstos das atividades das crianças ou a falta de comunicação com a família caso ocorra qualquer fato fora da rotina.

A escola conta com um esquema de plantão onde os pais deixam as crianças quando chegam antes do horário de irem para a sala (13h30). Percebemos que neste plantão, na maioria das vezes são mesmo os próprios pais que deixam as crianças e não as babás. Foi possível perceber também que os pais estão sempre presentes na escola, seja para levar, buscar ou conversar com a professora, porém o que observamos é que muitas vezes trata-se de uma presença sem muita significação, principalmente na turma observada que é uma turminha de Jardim II (4

e 5 anos de idade). Em sua maioria, os pais deixam as crianças e passam algumas recomendações para as assistentes. Percebe-se essa atitude como de cuidado para com os filhos, mas também uma forma de obter um retorno do investimento feito na escola com mensalidades e outras despesas. Poucas vezes observou-se as crianças sendo entregues por outras pessoas que não fossem os próprios pais.

Exatamente às 13h30, as assistentes vão com seus alunos para suas respectivas turmas e ficam à porta para receber os que ainda vão chegar. Nesta escola, como já citamos anteriormente, os pais são presentes no sentido de procurar acompanhar os processos de desenvolvimento de seus filhos, mas em sua maioria essas informações são passadas pelas professoras em momentos informais como conversas na porta da sala mesmo.

Às 17h45 todas as crianças começam a guardar seus materiais para aguardar o horário de saída que é às 18h. Em geral, os responsáveis sempre querem conversar um pouco com as professoras, sobre a rotina do dia, como foi o comportamento, se lancharam bem, o que comeram... Alguns se aprofundam nessa conversa e compartilham até as dificuldades que encontram no dia-a-dia de seus filhos, pedindo orientações para os professores e demonstrando uma certa relação de confiança, ainda que superficial. Uma das medidas que a escola toma que contribui para o estreitamento dessa relação é o hábito de estar sempre em contato com os responsáveis. Sempre que acontece algum fato que fuja da rotina escolar, os familiares são comunicados imediatamente, ainda que seja para informações simples como informar que a criança esqueceu determinado material.

As reuniões pedagógicas são realizadas periodicamente, de acordo com cada segmento e apenas com professoras, assistentes e coordenação. As reuniões da educação infantil acontecem 2 vezes por semestre, no início e no final. As do início são para que as professoras recebam as orientações de como proceder durante o semestre. É interessante porque neste momento as coordenadoras abrem espaço para que as professoras sugiram formas de que gostariam de trabalhar e compartilhar seus projetos. Na maioria das vezes essas sugestões são aceitas e os projetos realizados. Quanto a isso, percebi uma positiva flexibilidade por parte da escola em aceitar sugestões e realizar projetos. No decorrer do ano, periodicamente

acontecem outras reuniões para tratarem de assuntos especiais de fatos do dia-a-dia.

Foi possível observar que a escola propõe algumas atividades que visam a presença da família na escola. São festinhas e pequenos eventos que têm como objetivo principal apresentar aos familiares das crianças todas as atividades que elas têm realizado e qual seu desenvolvimento e participação em cada uma delas. Essas atividades são importantes, pois é por meio delas que a família tem a oportunidade de ver diretamente as atividades desenvolvidas por seus filhos no ambiente escolar.

Uma forma que a escola tem de estar diretamente atuando junto a comunidade é oferecendo atividades complementares que podem ser feitas tanto por crianças da própria escola como por crianças de outras instituições também. Dessa forma, realiza eventos, torneios e festivais que recebem toda a comunidade local diminuindo assim a distância entre as duas partes e favorecendo um ambiente de colaboração. É interessante ressaltar que a participação das crianças nessas atividades complementares se dá, na maioria das vezes, por interesse da própria criança em realizar a atividade e não somente para que se ocupe o tempo passado na escola.

A festa junina da escola é realizada em dois dias do mês de junho, sexta-feira e sábados. Foi possível constatar que os parentes em sua maioria, compareceram e mostraram bastante cordialidade com todos os funcionários da escola, fato esse que favorece a questão da participação.

Há também a festa da família que acontece em dois períodos do ano. São apresentações ensaiadas pelas professoras com as crianças e realizadas para os pais. O evento é feito para toda a família e todas as crianças costumam ter algum parente contemplando sua apresentação.

É importante deixar claro que a participação na escola não se restringe à presença de familiares em eventos promovidos pela escola. Este tipo de atividade, no entanto, favorece o contato estabelecido entre as partes envolvidas no ambiente escolar podendo ser um facilitador em outros processos de participação e promovendo bons resultados na interação entre família e escola.



Outro momento que prima a presença da família na escola é a reunião de pais e/ou responsáveis. A turma observada durante a reunião foi uma turminha de jardim 2. Em geral, os pais são presentes. Somente 3 pais não compareceram, por conta de seus trabalhos. A reunião procede da seguinte forma: a professora fala da turma de uma forma mais generalizada e, em seguida, apresenta uma ficha de avaliação em que são feitas anotações de cada aluno. Cada criança tem uma ficha. A professora chama os pais, apresenta a ficha, mostram alguns itens da ficha como coordenação motora fina e grossa, relacionamento com professores e colegas, participação nas atividades propostas em sala... Se houver alguma particularidade que precise ser conversada com a família, o professor fala em um momento particular. Se o parente tiver alguma observação ou orientação ele também pode comunicar ao professor ou, se preferir à direção da escola. Quando o familiar não pode comparecer à reunião, a escola entra em contato com o responsável e verifica a necessidade de agendar uma data para conversar sobre a vivência acadêmica da criança.

As reuniões escolares são importantes momentos de interação dos familiares e dos professores. Deve, portanto ser um momento que propicie participação e colaboração efetiva de ambas as partes. Faz-se necessário que todos os envolvidos no processo de aprendizagem das crianças tenham conhecimento de todo o percurso percorrido até o presente momento da reunião onde se debaterá sobre as particularidades de cada um. Não basta saber que está tudo bem e que a criança cumpriu com louvor todos os itens propostos em uma ficha de avaliação. É necessário ir mais a fundo e buscar saber os passos dados para que se chegasse a tal resultado.

Essa análise somente poderá ocorrer de maneira satisfatória quando família e escola entenderem que é um trabalho contínuo de colaboração. Não há vida isolada do educando em casa e na escola. Os processos ocorrem interligados com o cotidiano e todos os ambientes de convivência das crianças.

Sendo assim, não se pode afirmar, com certeza, que esta forma de reunião com familiares mencionada acima seja a melhor maneira para que estas duas instituições trabalhem juntas, é apenas uma forma.

As formas de presença dos pais na escola não podem ser descartadas como intenções de se trabalhar em parceria as duas instituições, no entanto essas participações são também consideradas como participação sem ação daqueles que estão fora do contexto escolar. Eles apenas participam de maneira presencial, mas não auxiliam na produção dos eventos e não estão presentes na hora de decidir de que forma se trabalhará em determinada ação.

Em síntese, observando a dinâmica pedagógica da escola, podemos constatar que existe uma forma específica de participação dos pais na escola a partir da presença física e das preocupações das condições materiais que a escola pode proporcionar e menos com a formação educativa que a mesma define na sua dinâmica pedagógica.

Kuhn (2009), escreveu em seu artigo que *“a escola é um espaço democrático e que serve para discutir questões que possibilitem o desenvolvimento do pensamento crítico de cada indivíduo”*. Sendo assim, ainda que tenha observado turmas de crianças com tão pouca idade (4 e 5 anos), pude perceber que em alguns instantes esses momentos são proporcionados. Como, por exemplo, quando a professora conversa com a turma pedindo sugestões para suas aulas de musicalização ficarem mais atrativas e leva essas sugestões até a gestora da escola. São coisas simples, mas que podem iniciar, ainda que timidamente, um processo de educação libertária e emancipatória defendida por Paulo Freire. A escola tem tendências voltadas para o tradicionalismo, portanto algumas coisas mostram-se muito resistentes a qualquer tipo de mudança, mas já se pode notar uma tendência da sua gestão de adaptar algumas ações à demanda atual. A escola demonstra dentro de sala, apesar de não se trabalhar diretamente com os pais.

Por outro lado, os pais estão sempre na escola, mas infelizmente este fato ainda não indica que essa presença seja, de fato, razão de um processo de mudança de comportamento indicando uma participação efetiva verdadeiramente e que produza resultados no processo de socialização de cada criança.

Percebemos que essa relação é muito valorizada principalmente pela direção da escola, uma vez que um pai aborrecido não significa bons resultados para a mesma.

Pudemos perceber também que os pais e responsáveis pelos alunos, em geral, buscam estar se comunicando sempre com professores e direção da escola. Seja por telefone, por meio das agendas das crianças ou mesmo pessoalmente.

Durante o período em que estou trabalhando na coordenação da Educação Complementar, tenho tido a oportunidade de estar bem mais próxima dos pais e responsáveis. O meu contato passou a ser direto com eles, uma vez que os atendo pessoalmente em uma sala própria para recebê-los. O que tenho notado é que, na maioria dos casos, a relação é muito valorizada pela própria família. A escola conquistou um bom espaço na comunidade local devido sua relação de confiança estabelecida com a família dos alunos.

Conversando com alguns pais pude notar que eles valorizam muito o cuidado que a escola tem com as crianças e a comunicação que se estabelece entre escola, comunidade e família. Este cuidado é evidenciado nas relações dos professores com alunos, na medida em que procuram estar sempre em contato com a família para informar acontecimentos.

Para os pais, esta forma se constitui, de maneira geral, numa boa iniciativa para a participação. Este fato pode ser constatado após analisar as respostas dos pais à entrevista realizada. A maioria dos pais que responderam de forma a valorizar a iniciativa da escola em estar sempre entrando em contato com a família para informar qualquer coisa que tenha saído da rotina do dia-a-dia escolar.

Há também que se considerar que a forma como a família é vista e entendida pela escola e vice-versa vai influenciar, nos resultados dessa interação. É importante que os educadores se livrem da tendência de fazer julgamentos prematuros e o mesmo aconteça por parte da família. Será possível uma boa relação e interação entre as duas partes se lhes forem dada a oportunidade de se conhecerem e trabalharem juntas, em ambiente de colaboração. Caso contrário, Szymanski (2010) define como "*Cenas de desencontro explícito*" aos episódios em que a família se arma de pré-noções a respeito de determinada escola, e esta por sua vez tenta justificar comportamentos inadequados de crianças com opiniões de senso comum.

Esses acontecimentos, algumas vezes frequentes no ambiente escolar, contribuem de forma negativa para o bom desenvolvimento da relação família-escola.

A fim de perceber de forma mais precisa como se dão os acontecimentos dentro do ambiente escolar influenciadores no processo de participação da família, as entrevistas realizadas e observações feitas auxiliarão nesta compreensão.

## **CAPÍTULO 3**

### **PERCEPÇÃO DA ESCOLA – Análise da pesquisa**

Ao realizar as entrevistas com os pais das crianças, foi possível ter uma percepção mais aproximada da forma como é valorizada a relação.

As entrevistas foram realizadas com 4 professores da educação infantil, 13 pais e 1 coordenadora. A turma tem 14 alunos, portanto somente um pai deixou de responder à entrevista. Com relação aos professores e à coordenadora, todos se prontificaram a responder.

Pelas respostas dos pais, foi possível observar que há uma grande confiança na instituição, já que a maioria deles fez questão de salientar que há outras opções de escolas mais próximas para seus filhos e, no entanto optaram por esta, pelo fato de conhecerem há muitos anos ou mesmo por indicações de pessoas próximas. Alguns deles até estudaram na mesma instituição. Essa relação de confiança é estabelecida também na satisfação que muitos pais manifestaram com o cuidado e atenção que a escola dedica aos seus filhos.

Foi possível constatar também que há uma tendência de os pais começarem a entender que para participar da vida escolar de seus filhos, não basta somente estarem presentes nas festas e eventos promovidos pela escola. Eles querem participar ativamente das atividades desenvolvidas por seus filhos, dando inclusive, sugestões para a forma que os eventos serão produzidos. Porém, quando solicitados que sugerissem outras formas de participarem da vida escolar de seus filhos, a maioria disse não saber.

O que é importante ressaltar é que uma característica muito importante da participação da família na escola e dos frutos dessa relação não foi mencionada em nenhum dos momentos das entrevistas que é a real significação de se trabalhar em parceria. A escola propõe momentos de interação com as famílias, mas essa interação, ao que se percebe pelas entrevistas, é superficial e sem resultados significativos.

Este fato é possível perceber na fala de um dos pais:

Temos um bom relacionamento com a escola. Confiamos na capacidade da escola para formar nossos filhos (...). Gostamos de participar das festinhas, pois é quando percebemos o desenvolvimento do nosso filho. Não temos muito tempo de estarmos sempre na escola e esses momentos são ótimos para que possamos participar da vida dele na escola.

Ainda reforçando estes pensamentos, Szymanski (2010), afirma que:

É na consideração dos modos de tratamento interpessoal, de relação com o coletivo e com o ambiente, que se cria um campo de exercício da ética e se constrói a responsabilidade. A família também pode e deve estar comprometida com uma mudança na sociedade, apresentando uma visão libertária de mundo e repudiando qualquer tipo de opressão. Com certeza não se trata de um processo isolado, mas daquelas famílias que se comprometem com este projeto. Nele a escola tem um importante papel e as trocas com as famílias podem ser efetivas na sua construção.

Dessa forma, é possível afirmar a importância da inter-relação das duas instituições no sentido de contribuir para a formação de indivíduos autônomos e ativos em seus contextos. É possível este comprometimento.

Na entrevista com a coordenadora e com os professores, foi possível perceber uma disposição da parte deles de contribuir para uma melhora neste cenário da relação família escola. Alguns consideram a relação boa, mas com alguns pontos a serem melhorados. Como por exemplo, a família buscar entender melhor o funcionamento da escola, de algumas regras e suas ações para contribuir para a melhor formação dos educandos. Alguns professores disseram não perceber a intenção de muitas famílias para isso.

Diante de tais considerações e dos estudos mencionados anteriormente, é possível chegar ao fim deste trabalho com algumas análises e proposições.

Família e escola que tem em comum a função de “*prepararem os membros jovens para sua inserção na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social*” Szymanski (2010) devem trabalhar em sentido de cooperação e colaboração para que alcancem juntas tal objetivo.

Para que a participação da família na escola aconteça de forma funcional (Motta 1994), é imprescindível que se valorize também o diálogo entre as instituições. Entender e conhecer o que se passa nos dois contextos passa a ser importante meio para se alcançar resultados. Este diálogo deve acontecer entre todas as partes, inclusive as crianças da escola.

Dialogar com uma criança e um adolescente não significa abdicar da autoridade: significa instaurar um pensar crítico; mostrar sensibilidade e abertura para compreender o outro; ter confiança na sua capacidade de compreensão; estar disponível para criar novas soluções. (...) Não significa ausência de conflitos, pois eles estão presentes na dialética entre o vivido e o pensado. É na sua superação que se constrói um novo saber. (Szymanski. 2010. p 35.)

Como sugere Szymanski acima, reconhecer a importância do diálogo para o início de qualquer mudança significativa no processo educativo é um passo importante e crucial. É possível perceber essa tentativa na escola observada, porém alguns preceitos ainda firmados na concepção tradicional dificultam algumas mudanças. Ainda que fosse possível perceber, por parte dos educadores, um tímido desejo de mudar, há uma vontade maior intrínseca que ainda não os permite.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estudos, reflexões e análises feitas neste trabalho, chega-se ao fim com a certeza de que muita coisa há para ser feita ainda no âmbito da educação brasileira. Falta à escola disponibilizar formas mais eficazes e coerentes que auxiliem no processo de desenvolvimento de cada educando considerando este como parte principal de todo o processo realizado pela própria instituição escola.

A proposta da efetiva participação da família na escola deve ser levada em consideração como ponto fundamental para que a relação entre as duas partes aconteça de forma a valorizar o que as crianças têm de melhor. Não se produz resultados quando somente se reconhece que há falhas nos processos realizados entre as duas instituições, é necessário que as suas proponham formas de se trabalhar alcançando bons resultados. Considerando também sempre que o que pode ser entendido como bom resultado vai variar de acordo com cada contexto ou criança envolvida no processo de aprendizagem e com a concepção de cada escola.

O fato é que não há uma receita pronta do que se deve fazer nem de que forma deve trabalhar a escola e, muito menos, quais as melhores posturas que a família deve adotar. Reconhecer que ambas as instituições têm em comum a função de preparar os jovens para viver em sociedade já possibilita um importante processo de mudança positiva.

Cada um reconhecendo sua função como agente importante no processo de socialização de indivíduos é fator importante para que se alcance bons resultados no processo de formação das crianças. É nas interações com todos ao redor da criança que se adquire integração com o ambiente propiciando um bom ambiente de conhecimento e trocas de forma significativa.

Reconhecer também a importância do diálogo entre as todos os envolvidos no processo escolar é um passo importante na iniciativa de qualquer mudança desejada. A família que se coloca como principal mediadora dos processos adquiridos pela criança na escola, deve entender sua importância no processo educativo de cada criança. E a escola, por sua vez, deve proporcionar ambientes



favoráveis à participação da família na escola, entendendo esta ação como uma parceria entre as instituições que visam o mesmo objetivo.

*O que ambas as instituições têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de função que possibilitem a continuidade da vida social.*

Heloisa Szymanski

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Ministério das Comunicações, 1988.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, 1990.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996.

SZYMANSKI, Heloisa. *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. – Brasília: Liber Livro, 2010. 136p.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. – Porto Alegre: Artmed, 2011.

ARIÉS, Philippe. *História Social da criança e da família*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara. 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CARVALHO, M. E. P – *Relações entre família e escola e suas implicações de gênero*. Cadernos de Pesquisa, n 110, p. 143-155, julho/ 2000.

MOTTA, Fernando C. Administração e participação: reflexões para a educação. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, FEUSP, v. 10, n. 2, p. 199-206, jul./dez., 1994.

SILVA, Nilson R. G. A participação da comunidade na gestão escolar: dádiva ou conquista. *Revista de Educação*. v.9, n 9. 2006.

Sociologia e educação: leituras e interpretações / Alonso Bezerra de Carvalho, Wilton Carlos Lima da Silva (orgs); Allonso Bezerra de Carvalho... [et al.]. – São Paulo: Avercamp, 2006. 160p.

KUHN, Cristiane. A função social da escola. Em <<http://www.webartigos.com/artigos/a-funcao-social-da-escola/26970/>> Web Artigos, 2009. Acesso em 20 de setembro de 2012.

OLIVEIRA, João Ferreira; MORAES, Karine Nunes e DOURADO, Luiz Fernandes. *Função Social da Educação e da Escola*. Em <[escoladegestores.mec.gov.br/site/4-sala\\_politica\\_gestao\\_escolar/pdf/saibamais\\_8.pdf](http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4-sala_politica_gestao_escolar/pdf/saibamais_8.pdf)> Acesso em 16 de agosto de 2012.

BASELESKI, Abadia. A influência da família no contexto escolar: *sua participação no processo de aprendizagem no 1º ano do ensino fundamental*. 2009. Em <[http://www.unemat-net.br/prof/foto\\_p\\_downloads/fot\\_1564micuoft\\_woud\\_-\\_abadia\\_pdf.pdf](http://www.unemat-net.br/prof/foto_p_downloads/fot_1564micuoft_woud_-_abadia_pdf.pdf)> Acesso em 16 de agosto de 2012.

CAIADO, Helen Campos. *A importância da parceria família-escola*. Em <<http://educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/a-importancia-parceria-familia-escola.htm>> Acesso em 22 de fevereiro de 2012.

Projeto Político Pedagógico – Centro de Ensino Candanguinho

## **ANEXOS**

### **Questionário aos pais**

As informações obtidas através deste instrumento serão utilizadas no estudo desenvolvido por mim, graduanda em Pedagogia, e orientada pela professora Dr<sup>a</sup> Sônia Marise Salles de Carvalho, no meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade de Brasília que aborda a relação da família com a escola.

Solicitamos a sua colaboração no sentido de responder sendo completamente sincero e com muita atenção às questões. Garantimos, ainda, que as informações pessoais fornecidas por você serão mantidas sob total sigilo.

Agradecemos antecipadamente,

Eu e a orientadora.

## **Questionário aos professores**

As informações obtidas através deste instrumento serão utilizadas no estudo desenvolvido por mim, graduanda em Pedagogia, e orientada pela professora Dr<sup>a</sup> Sônia Marise Salles de Carvalho, no meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade de Brasília que aborda a relação da família com a escola.

Solicitamos a sua colaboração no sentido de responder sendo completamente sincero e com muita atenção às questões. Garantimos, ainda, que as informações pessoais fornecidas por você serão mantidas sob total sigilo.

Agradecemos antecipadamente,

Eu e a orientadora.

### **Questionário à coordenação**

As informações obtidas através deste instrumento serão utilizadas no estudo desenvolvido por mim, graduanda em Pedagogia, e orientada pela professora Dr<sup>a</sup> Sônia Marise Salles de Carvalho, no meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade de Brasília que aborda a relação da família com a escola.

Solicitamos a sua colaboração no sentido de responder sendo completamente sincero e com muita atenção às questões. Garantimos, ainda, que as informações pessoais fornecidas por você serão mantidas sob total sigilo.

Agradecemos antecipadamente,

Eu e a orientadora.

## **PARTE III**

### **PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

Após tanto estudo, tantas pesquisas, leituras, trabalhos, reflexões, enfim... Chego ao fim da graduação do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. Foi penoso, mas foi muito mais maravilhoso. A realização de um sonho, um grande sonho que parecia distante, mas aos poucos foi se aproximando e ficando tão mais visível.

A construção desse trabalho de conclusão de curso me abriu os horizontes para minhas perspectivas profissionais. Pretendo dar continuidade aos meus estudos e pesquisas e me aprofundar no campo da psicologia e sociologia.

Trabalhar com a educação me fascinou e continua me surpreendendo a cada dia. As experiências em meu ambiente de trabalho me fazem ter a certeza todos os dias de estar no lugar certo. Os desafios são grandes e cada vez parecem maiores. A desvalorização do professor e do seu trabalho parecem monstros que assombram todos os educadores, mas a vontade de todo esse povo me parece muito maior. O que me motiva a contribuir para um amanhã melhor.

Estou chegando ao fim da graduação com a sensação de que muita coisa há para fazer, mas com uma imensa vontade de fazer valer o que aprendi aqui. As perspectivas futuras são as mais otimistas possíveis, mesmo sabendo da grande dificuldade que encontrarei pela frente uma vez que a educação não é prioridade no nosso país. Percebo uma grande preocupação por parte dos estudantes de licenciaturas em geral a respeito da grande discrepância que há entre o que se estuda dentro das universidades e o que se encontra, de fato, dentro das salas de aula. Essa constatação, porém não pode ser tida como um obstáculo, mas sim como uma motivação para que a vontade de fazer a diferença prevaleça sobre as outras coisas.

Pretendo atuar como professora de educação infantil e, mais à frente, fazer uma especialização na área de psicopedagogia. Daqui para frente é trabalhar e fazer valer aquilo que se aprende na teoria dentro da Universidade. Minha perspectiva é de que este trabalho de intensas leituras, estudos e observações possa contribuir não somente para mim, mas também a outras pessoas, que como eu, se interessarem pelo tema e pela importância dele no ambiente acadêmico.

A esperança é de que, com minha formação e experiências adquiridas ao longo da trajetória acadêmica, eu possa verdadeiramente contribuir para a construção de um amanhã mais justo e solidário.